

Pintura e Escultura Na Bienal Máxima Manifestação Paulista

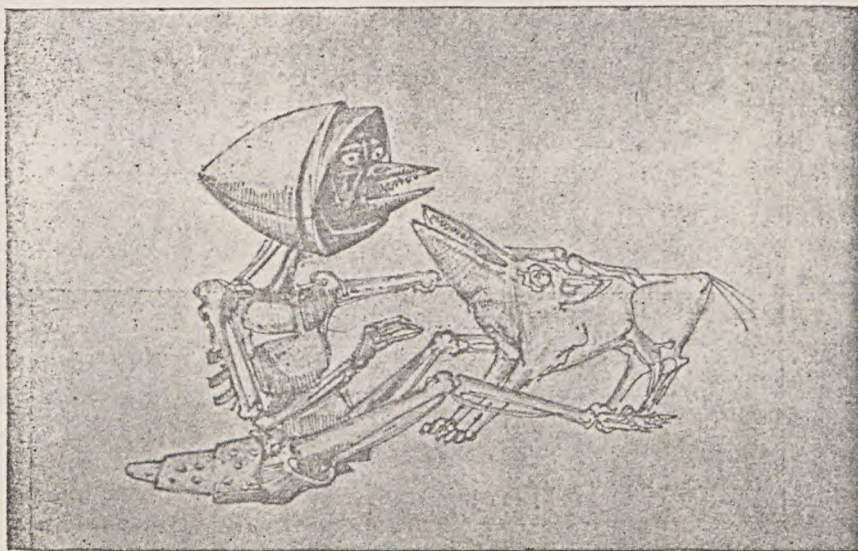
Não pode a Bienal ser considerada no seu conjunto uma fonte de emoção estética. Seu valor reside nas numerosas sugestões e lembranças que em tempo relativamente breve permitem uma valoração panorâmica do ambiente artístico universal. É mais um catálogo, que se consulta para conhecer o mais recente, e ree laborar criticamente o menos novo, do que a leitura de uma única e empolgante obra poética.

Entretanto, nos seus particularidades, também para quem não a procure, com este sentido histórico-crítico, oferece notas de grande valor artístico que podem ser colhidas a esmo nas mal arrumadas salas desta grande antologia. Aqui e acolá aparecem mundos encantados, que conseguem: isolar-se do grande concerto, murmurando notas deliciosas, e oferecer perspectivas características e originais.

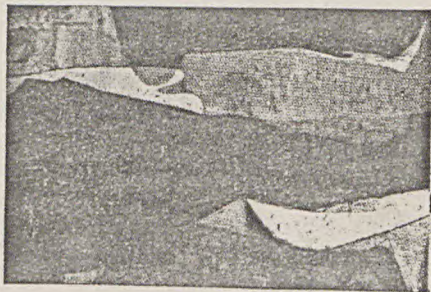
Na seção brasileira, que infelizmente se estraçalha em 135 artistas, raríssimos pintores convidam à pausa e muitos deles nos chamam atenção enquanto o único quadro subentende toda a obra, já nossa conhecida.

Iberê Camargo e Rissone nesta feira de amostras apresentam um conjunto que facilita a concentração sobre a respectiva obra destes

(Contirua na pág. 7)



Desenho de Marcello Grassmann. 1958. Neste artista (premiado também na última bienal de Veneza) imaginação e fantasia se fundem na realização plástica que é sempre de altíssimo nível. Formas monstruosas carregadas de dramaticidade elevam a sátira à mais pura poesia.



AO LADO

"Guerrilheiro Morto" — 1957 — de Armandito Morales um dos pintores de maior interesse presentes na Bienal, feliz escolha da União Pan-Americana.

